

SEGUNDA DO VAGABUNDO: O *GENOESPÇO* PELA CULTURA DO SAMBA NO BAIRRO DAS ROCAS – NATAL/RN

Ezequiel Fraga Felix Bezerra 1¹

(Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGe/UFRN).)

Eugênia Maria Dantas 2²

(Professora titular do Departamento de Geografia (DGE) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGe), ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, eugeniadantas@yahoo.com.br)

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre a produção do espaço urbano a partir da experiência da “Segunda do Vagabundo”, roda de samba que ocorre semanalmente no bairro das Rocas, em Natal/RN. A partir de uma abordagem ensaística, alicerçada na obra de Paulo César da Costa Gomes (2002; 2013), analisam-se as tensões entre *nomoespaço* e *genoespaço* presentes na configuração desse território do samba. A pesquisa articula observações de campo, relatos de frequentadores e descrição da paisagem e seus processos, revelando como a cena urbana se constitui, também, por meio de práticas culturais que expressam pertencimentos, disputas e visibilidade. Os resultados apontam para a complexidade das dinâmicas espaciais locais, em que afetos, normas e usos se entrelaçam, fazendo da cultura uma ferramenta potente para pensar os sentidos do urbano.

PALAVRAS-CHAVE: territorialidade; cena urbana; conflitos espaciais.

GT3: Espaço, Cultura e Turismo

1 INTRODUÇÃO

O espaço urbano se apresenta de forma complexa. As possibilidades de apreensão de suas manifestações territoriais reverberam das práticas culturais que se apresentam de formas diversas. As cenas citadinas compõem o mosaico vivo de imagens que expressam uma produção criativa do espaço, em que a relação produto-produtor alimenta a instancia social de sua reprodução (Lefebvre, 2000). Assim, decifrar esse mosaico requer conceitos, categorias e análises geográficas em diálogo com as mais diversas áreas do conhecimento (científico, filosófico e artístico), mobilizando lentes interpretativas para responder: como esse processo criativo, que envolve a cena urbana regida simultaneamente por padrões normativos e interesses setoriais, grupais, identitários, se estabelece? Esse questionamento parte da observação da cena urbana criada com a *Segunda do Vagabundo* no bairro das Rocas, localizado na região Leste da cidade de Natal. Todas as segundas-feiras rodas de samba se reúnem para cantar e, nesses momentos, o espaço se torna uma configuração de alegria misturada a disputas, afirmações, sobreposições de ideias, desejos, limites, experiências, conflitos.

Na *Segunda do Vagabundo* o rimo do samba assume a batida ambígua da cidade e, por isso, a cena se configura pela coexistência de diferentes dinâmicas (políticas, culturais, econômicas) – atreladas a processos de normatização, que regulam o uso do espaço e de sua apropriação cultural, que denotam as relações tecidas pelos diferentes grupos sociais. Assim, sob a forma de um ensaio, esse texto propõe, espelhar algumas reflexões sobre o processo criativo do espaço a partir da experiência desse evento que ocorre desde 2022 no bairro das Rocas, e que contém elementos importantes para compreendermos a condição urbana tramada a partir das categorias de *nomoespaço* e *genoespaço* discutidas por Paulo César da Gomes no livro *Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade*, publicado em 2002 e da cena urbana, também, referenciado por esse autor no livro *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*, de 2013 .

2 NOMOESPAÇO E GENOESPAÇO ATRAVESSAM A CENA URBANA

O referido autor, ao discutir sobre a condição urbana apresenta os conceitos *nomoespaço* e *genoespaço* na esperança de compreender as disposições humanas atuando na organização do espaço, sempre mediado por protocolos alinhados, seja na normatização dos usos, seja baseada nas vivências e pertencimentos. Ancorado em diversos exemplo e em tempos históricos distintos (da Antiguidade, passando pelo período Medieval, até chegar na Modernidade), Paulo César vai demonstrando como na organização espacial de cidades o *nomos* e o *genoespaço* são duas categorias que atravessam a condição para se pensar o urbano, a cidade, seja em sua dimensão concreta e cotidiana, seja em sua perspectiva mais política, democrática e de cidadania.

Marcada por seu aparato jurídico pautado no princípio da isonomia, seu caráter proibitivo e hiper cartesiano, o *nomoespaço* surge como uma forma de apropriação de um território regido por leis, normas e regras que, visando garantir e preservar um conjunto de ações presentes em uma determinada área, impõem “limites da liberdade comportamental dentro de um espectro de atitudes possíveis e plausíveis ao conjunto das pessoas” (Gomes, 2012, p. 32). Nele, funda-se uma dinâmica própria de relações com o espaço que se remete a hierarquização entre os membros que compactuam e “assinam” o contrato social vigente (Rousseau, 2011) e os demais.

O *nomoespaço* é por definição ordenado. Requer, assim, anuência às normas implícitas ao espaço, supressão das questões individuais em detrimento das de cunho universais regentes

para seus usos e para seus habitantes. Como registro de um código espacial amplo, ele funda as ideias distintivas entre público e privado – que serão discutidos em termos empíricos sobre o território do samba na *segunda do vagabundo* posteriormente. O *nomoespaço* “[...] classifica as ações sociais, ordena a dinâmica social e hierarquiza práticas e instituições” (Gomes, 2012, p.54), uma vez que, como já explicitado, ele é o dinamizador das relações sociais que serão aceitas ou não em seu perímetro de influência. Ao circunscrever o que está ou não em concórdia a suas regras “gerais”, estipula-se, conseqüentemente, o que será posto no centro das práticas socialmente aceitas e o que permanecerá periférico, marginal. Assim, o *nomoespaço* é esta condição que se dirige ao encontro dos discursos sobre “urbanidade” e “civildade”, paralelamente funcionando como *delimitador* das práticas sociais que estão em desacordo com os princípios globais estipulados em seu conjunto de códigos legais.

Por outro lado, o *genoespaço*, seria tatuado por essas relações espaciais formalizadas pelo interesse próprio de um determinado grupo cultural sob o espaço, em busca, sobretudo, de garantir a reprodução das condutas próprias da comunidade em contraposição as demais. Ela é, portanto, baseada em “[...] uma pretensa homogeneidade e em uma solidariedade advinda de um forte sentimento de coesão” (Gomes, 2012, p. 61). Para o *genoespaço*, diferentemente do *nomoespaço*, a premissa inicial é de que esse espaço diverge pela identidade, pelo sentimento de pertencimento. De modo que, sua natureza territorial se dá por uma sacralização do espaço, submetida a um espírito comum que se alimenta da alteridade social das práticas ocorridas em determinado espaço, ou melhor dizendo, tendo em vista sua relação afetiva, com determinado *lugar*¹. Aliás, essa condição marca sua fluidez fronteiriça: pouco delimitada, não padronizada e geometricamente imprecisa.

Outro aspecto constituinte do *genoespaço* é sua produção de signos. Esses, marcam sua presença, delineando onde seu comando opera simbolicamente na paisagem. A produção desses símbolos ajuda a potencializar o sentimento de união interno a comunidade, e sua coesão frente as recorrentes tentativas de incorporação de práticas alheias as postuladas pelo grupo no espaço de sua influência. De acordo com Gomes (2012), essa é uma condição inerente a manutenção de sua permanência – a verdadeira arte do conflito que nasce dessas lutas por territórios buscando manifestar geograficamente as singularidades do seu clã.

¹ Na tradição dos estudos geográficos, o conceito de “lugar” ganha destaque no que se diz respeito as relações afetivas e de pertencimento atuantes entre o indivíduo e o espaço.

Pondo em poucas palavras, poderíamos dizer que o *nomoespaço* reivindica uma relação espacial que busca generalizar as condutas circunscritas ao seu perímetro, regidas por códigos proibitivos, lógica e racionalmente estabelecidos, num discurso em que todos os cidadãos cedem parte de suas pluralidades individuais no esforço de se alcançar um status de bem-comum que, por sua vez, se reflete no espaço ordenado por regras gerais. Enquanto o *genoespaço*, longe de proclamar uma condição espacial universalizante, se nutre das relações identitárias para reivindicar seu domínio simbólico particular sob o espaço, sendo, portanto, qualificado por algum aspecto interno ao grupo sociocultural que o configura, fazendo-lhe sobressair diante dos demais aspectos que compõem a, também, plural condição dos seus signatários.

Ao expormos sobre essas duas categorias percebemos que a criação da cena urbana se faz e refaz com os seus entrelaçamentos. Não podemos sobrepor uma a outra, nem hierarquizar as suas forças. Os processos de disciplinarização e de apropriação dos espaços requerem um esforço de convivência entre apropriação e norma, o público e o privado. Desta forma, a descrição da cena urbana se apresenta enquanto um ato de proximidade e atenção para com a composição e combinação dos pertencimentos e das normas com o inusitado e as circunstâncias que se fazem matriciais quando se tem um evento como a *Segunda do Vagabundo* para falar da condição urbana em Natal. Isso porque, “A cena é viva, se transforma, se movimenta e evolui sob o olhar do observador” (Gomes, 2013, p. 24). Situado em um espaço público, o evento no bairro está sob a mira de quem o recria e o alimenta como “[...] um espaço de comunicação [...]” (Gomes, 2013, p.188). Desse modo, o espaço da *Segunda do Vagabundo* é ativado pelo entrelaçamento entre a dimensão física, os repertórios de valores e significados e as apropriações que ocorrem.

3 A SEGUNDA DO VAGABUNDO: QUANDO O EVENTO SE FAZ CENA

Segunda do Vagabundo, nome escolhido para a roda de samba (evento), que desde 2022, ocorre periodicamente no bairro das Rocas–Natal, vem se alastrando e atraindo um público ainda maior de pessoas, desde os locais do bairro a turistas do Brasil inteiro. Essa manifestação recente da comunidade, evidencia, em certa medida, cenas das relações espaciais que se criam organicamente entre os habitantes de um espaço e um espaço que se transmuta em um território afetivo, neste caso, regado por pitadas de boemia, além, claro, de muito samba. E que,

posteriormente, adquire proporções de influência supralocal, gerando discussões interessantes no tocante a dinâmica cultural urbana da cidade.

Formado inicialmente de forma despretentiosa, as rodas de samba começaram a acontecer nas segundas-feiras – dia de descanso dos sambistas e pagodeiros que trabalhavam durante o final de semana² – e se reuniam na esquina entre as ruas Pereira Simões e Donzelas, no então, recentemente aberto, estabelecimento “Esquina Prime”. Fato que, ao popularizar-se, ajudou o seu crescimento e a procura do espaço de lazer e consumo do bar/conveniência. Internamente a roda de samba foi ganhando força e integrando um grupo local de moradores que se particularizava pelo gosto musical, e que encontravam ali um espaço de celebração, nascendo, assim, uma coesão espacial. A roda de samba criou um microterritório que funciona em espaço aberto, sem cobrança de taxa para frequentadores e com preços acessíveis para o consumo de bebidas, alimentos.

A pulsão cultural e o bairro das Rocas possuem uma longa data de encontro. Tendo em vista que o bairro é um dos mais antigos da capital norte-rio-grandense (Cascudo, 2010), com, oficialmente, 77 anos e que nele coexistem múltiplas manifestações artísticas associadas. Algumas delas relacionadas a dança, como na casa “Araruna Sociedade de Danças Antigas e Semi-desaparecidas” e as diversas escolas de capoeira, assim como, nas escolas de samba que disputam, historicamente, seus membros internos no bairro. As escolas Balanço do Morro e Malandros do Samba, recorrentes vencedoras do desfile de escolas de samba de Natal, são, ambas, originárias do pequeno bairro das Rocas³, e são de suma importância para pensar as dinâmicas espaciais da *Segunda do Vagabundo*.

Membros iniciais daquele movimento orgânico de se reunir para descontraír ao som do samba, no que hoje conhecemos como *Segunda do Vagabundo*, eram signatários, em sua maioria, da escola de samba Balanço do Morro, e por compartilhar as características comuns entre esses dois espaços, acabaram por propiciar uma contaminação mútua entre seus membros. Cada vez mais nascia ali uma coesão típica do *genoespaço* entre os devotos a escola de samba fundada pelo Mestre Lucarino. Atraindo junto consigo, práticas e símbolos próprios ao espaço.

² Informação concebida por Marcelo Nogueira, dono do estabelecimento Esquina Prime que sedia a roda de samba, em entrevista cedida à agência de jornalismo local e independente SAIBA MAIS. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2024/03/segunda-de-vagabundo-se-reune-nas-rocas-para-celebrar-boemia/>

³ O bairro das Rocas possui cerca de 66.01 ha de área total (SEMBURB, 2012), o que em relação a outros bairros, totaliza uma pequena extensão do município.

Por outro lado, os membros da escola Malandros do Samba também, geograficamente próximos, começaram a fazer uso do espaço, em concordância com o crescimento intra e interbairros que estava acontecendo na roda de samba. Exercendo, em certa medida, seus direitos cidadãos garantidos perante os códigos jurídicos vigentes no território nação, estadual e municipal. Agora, ainda de forma embrionária, começamos a ver aspectos do *nomoespaço* e do *genoespaço em conflito*. Ou melhor, camadas de conflitos. Segundo Gileuda Fraga, frequentadora assídua desde os primórdios da roda de samba, grupos de amigos, não dificilmente, se encontravam próximos a seus “amigos da escola de samba”, criando reais zonas de influência territorial das escolas sobre a roda de samba. Ainda segundo ela, um dos motivos para isso, seriam o fato de que

A gente acaba fazendo amizade com as meninas que cresceram junto com a gente. Minha rua sempre foi a rua do Balanço, e a grande parte das minhas amigas também moram por aqui. Já quem mora por ali, na Luís Gonzaga⁴, acaba sendo do Malandro, né? (Fraga, 2025).

Ou seja, na sua perspectiva, onde ela nasceu – próxima a escola x – condicionou, em certa medida, uma parte das amizades que perduraram até os dias atuais. Aspecto que, de acordo com ela, se amenizou com a contínua popularização do evento; a ponto de, agora, a segunda do vagabundo ter “de vez em quando, até gringos [...] lá. Um monte de cariocas e de outros cantos” (Fraga, 2025). Esse processo relatado, se faz no âmbito de uma abertura normativa própria do *nomoespaço*, uma vez que o município de Natal, ao ver a potencialidade orgânica e a popularidade se alastrarem, começou a se apropriar e apoiar financeiramente a divulgação do espaço local no seu circuito municipal da cultura e turismo, a ponto de, em 2024, ele ser elevado a patrimônio imaterial do município (Natal, 2025).

Essa característica também pode ser observada no processo de tecnificação e aumento dos objetos que cercam e possibilitam a roda de samba alcançar outros públicos, bem como a introdução de símbolos que remetessem ao samba na região. De início, eram apenas poucos colegas com seus próprios instrumentos em duas ou três mesas que faziam o show acontecer, e tinha-se uma demanda por poucos serviços (alimentícios, bebidas alcoólicas etc.) centrados no estabelecimento matriz. Ao passo que se difundia, foi observado uma expansão do alcance das mesas na região próxima a roda, o uso de equipamentos mais modernos para a sua realização,

⁴ Na Rua Soldado Luiz Gonzaga é sediada a matriz da escola de samba Malandros do Samba, localizada próximo a extremidade leste do bairro.

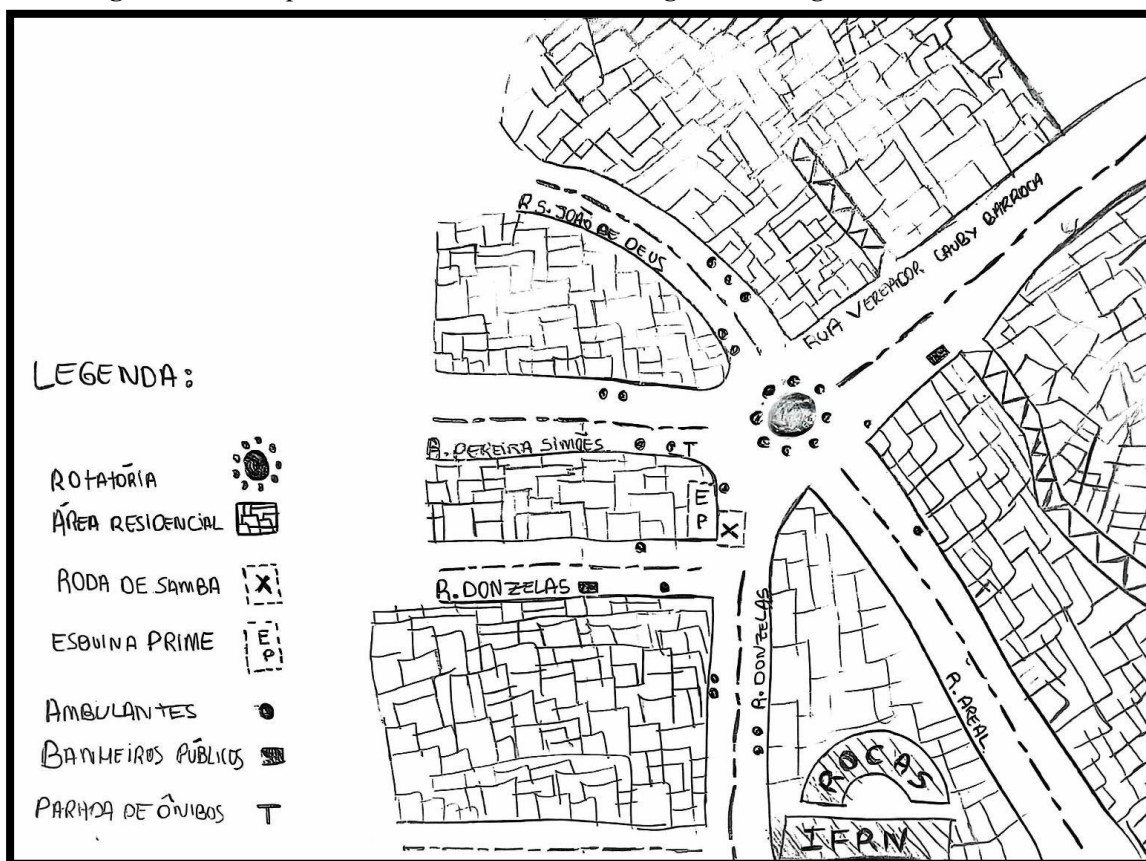
bem como de microfones e caixas de som para amplificar a música, antes reduzido a um espaço menor de alcance sonoro.

Igualmente, o território do samba foi se expandindo progressivamente, em termos de área de ocupação, em direção ao IFRN/Rocas na Rua das Donzelas, com a chegada de vendedores ambulantes dos mais diversos tipos, produzindo uma cobertura de serviços que atendiam a drinks, churrascos, mini pizza, pastel, dentre muitos outros serviços especializados que não existiam inicialmente – conjuntamente, com apoio de políticas de estímulo ao acesso à cultura na área. Bem como, o posicionamento de banheiros públicos nas áreas circundantes da roda, com o intuito de dar suporte ao quantitativo de pessoas que se deslocavam para o evento.

Além da dupla revitalização da área da rotatória entre as ruas que o samba acontece, simbolizando, ao mesmo tempo, o território do samba como local de estima para o poder público, no qual foi construído uma estrutura reforçada para a rotatória, além de repintar toda a área próxima do espaço, como a construção de uma escultura de um sambista no seu centro, marcando sua identidade através desse signo no espaço (re)construído. Esses diversos elementos foram desenhados (figura 01) em forma de croqui para dar visibilidade aos fenômenos relatados.

Daqui em diante, uma vez evidenciadas as relações socioespaciais do território do samba em sua metamorfose inicial, debruçaremos sobre uma problemática atual que o cerca: as disputas entre visibilidade e domínio territorial que a *segunda do vagabundo* gera, tanto no bairro como na cidade como um todo, a partir de um episódio que reflete as contradições que coexistem na sua organização do espaço.

Figura 01 – Croqui do Território do Samba da *Segunda do Vagabundo* - Rocas/Natal.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Como a *segunda do vagabundo* havia se tornado um evento com uma grande densidade de pessoas, todas as segundas-feiras das 19h às 00h, ele foi, paulatinamente, visado por outras práticas sociais não associadas a territorialidade do samba. Tornando-se, desta forma, lugar de estima e ampliação de visibilidade para projetos políticos partidários fazerem propaganda. Foi assim que, durante o período eleitoral de 2024, diversos atores políticos em busca de angariar votos de camadas populares da cidade, sobretudo, do bairro das rocas, e, simultaneamente, evocarem um discurso solidário a cultura popular, atribuindo a si a imagem de “político do povão”, começaram a se apropriar da roda de samba como palco para sua autopromoção. Por meio de visitas no evento em suas agendas políticas, por vezes, chegando a fixar o local como ponto de chegada das suas caminhadas políticas.

Um exemplo que demonstra as disputas de poder político normativo e político territorial (perante suas normas internas regidas pela cultura do samba) se deu na ocasião de uma carreata promovida pela então candidata à prefeitura de Natal, Natalia Bonavides, que propôs um desses eventos políticos no bairro das Rocas com a presença de outras lideranças políticas do Partido

dos Trabalhadores (PT), como Fátima Bezerra, naquela situação, governadora do estado. O que não se esperava, no entanto, é que, naquela ocasião, por volta das 22h30, a mesa de samba que tocava era composta, em sua maioria, por apoiadores, do também candidato à prefeitura, Paulinho Freire (União).⁵

Causando, dessa maneira, um embate entre as normas do espaço regido pela boemia do samba, as convicções dos sambista que compunham a mesa e o público que nele estavam. Público, esse, diverso no que diz respeito ao espectro político, porém, com a chegada da carreata da vereadora Natália, uma multidão de pessoas vestidas de vermelho – símbolo claro de alusão ao PT – invadiram a cena, gerando uma disputa pelo domínio simbólico do território. Entre vaias dos opositores e palmas frenéticas dos apoiadores da candidata do Partido dos Trabalhadores, a roda de samba encerrou sua performance com uma hora e meia de antecedência do tempo de duração habitual como resposta política alheia aos interesses específicos do grupo de *vagabundos* (próprio do *genoespaço*) que estavam a desfrutar do samba, com a prerrogativa discursiva de que aqueles símbolos não respeitavam a suposta “neutralidade do espaço” da *segunda do vagabundo* (característica similar aos pressupostos que norteiam o *nomoespaço* – neutralizar as particularidades pelo que é comum a todos).

Esse exemplo funciona como modelo prático para pensarmos como o espaço opera como instância social, permeadas por relações políticas no território, se transformando, remodelando e alterando sua funcionalidade e características no decorrer das mutações entre as esferas do *nomos* e do *genoespaço*. Ele, assim, nos dá pistas para observar as suas múltiplas camadas de relações tecidas no espaço, não podendo separá-las dentro de suas dinâmicas complexas, que se embaralham no território vivido. Além de nos testemunhar como há diversas formas de adentrar analiticamente na dinâmica de produção do espaço urbano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs um diálogo ensaístico e colaborativo com as proposições apresentadas na obra de Gomes (2012). Evidenciando como a cena urbana contém as relações espaciais operando, através da validação do *eu* (enquanto indivíduo e ser social) no estranhamento com o *outro*, configuradas por meio dessa condição de ser-no-espaço e de ser-do-espaço. Ou seja, agindo em função da alteridade espacial que se constrói nesse processo, e

⁵ Nesta situação, via-se uma representação das polaridades políticas em disputa direta: líder do mais forte partido de esquerda (Natália Bonavides - PT) x líder do mais forte partido de direita (Paulinho Freire - União) em disputa simbólica.

realizando-se naquilo que não é suficientemente "daqui", e, assim, apenas assim, o "aqui" se re(cria) vividamente no território.

Todavia, como foi exposto, é ingênuo não abarcar as dinâmicas espaciais próprias do *nomoespaço* na sua condição jurídico-formal, mesmo que sob um território regido pelo *genoespaço*. Bem como, é pouco provável que os discursos gerados pelo *nomoespaço* contratual e prosaico, em certa medida, não se esfalem frente a relações de coesão tão firmes por interesses próprios de um espaço dominado pelo *genoespaço*. Essa ambiguidade, na realidade, marca a condição geral do espaço urbano que tentamos ensaiar aqui: sua complexidade não redutível, não passível de simplificações e que clama por uma ordem comum e pública (*nomoespaço*) apenas para se isolar novamente nos seus interesses individuais (*genoespaço*), a passo que, paradoxalmente, só se produz plenamente nas condições de florescimento regidas pelas leis gerais que comandam o espaço formal (característica típica do *nomoespaço*). Assim, por meio de ambiguidades e contradições, a complexidade da condição urbana alimenta-se dessa máquina hiper-capilarizada e multipolar que paira como condição de nossa realização como ser-do/no-mundo.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. **História da cidade do Natal**. 4.ed. Natal: EDUFRN, 2010.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).
- NATAL (RN). Lei nº 7.815, de 17 de janeiro de 2025. Reconhece como patrimônio cultural de natureza imaterial do município de Natal/RN a “Segunda de Vagabundo”, e dá outras providências. *Diário Oficial do Município de Natal*, Natal, 17 jan. 2025.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Editora Penguin-Companhia das Letras, 2011.
-